

Vivências do compartilhar: um registro da experiência do evento *ComunicAção Indígena*

Experiences of sharing: a record of the experience of the *Indigenous CommunicAtion* event

Denize de Souza Carneiro
Paula de Mattos Colares

Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA
Santarém - Pará - Brasil

Resumo

A partir da aprovação da Lei 12.711, de 2012, que torna obrigatória, em todas as universidades federais, a adoção de políticas de ação afirmativa de recorte social e étnico-racial para o ingresso ao Ensino Superior, a presença indígena nesse grau de ensino passa a ser mais expressiva, porém continua invisível para boa parcela da comunidade acadêmica e da sociedade abrangente. Diante desse cenário, pretendemos, neste artigo, fazer conhecer a experiência de criação, assim como as estratégias de organização e os efeitos produzidos pelo evento *ComunicAção Indígena*, cuja gênese se deu no âmbito da *Formação Básica Indígena*, um programa de Ação Afirmativa da Universidade Federal do Oeste do Pará. Trata-se de um relato de experiência referente à realização das suas três edições, na cidade de Santarém/PA. Tal evento não proporciona apenas a publicização dos projetos acadêmicos dos estudantes indígenas, mas permite, também, refletir sobre a potência da presença desses povos na universidade, um fenômeno bastante significativo, que torna sua documentação relevante.

Palavras-chave: Indígenas no Ensino Superior; Ação Afirmativa; Eventos Acadêmicos.

Abstract

After the approval of Law 12.711, of 2012, which makes it mandatory for admission, in all federal universities, the adoption of affirmative action policies with a social and ethnic-racial profile, the indigenous presence in Higher Education became more expressive. However, this presence remains invisible to a good portion of the academic community and the wider society. Given this scenario, in this article we intend to present the experience of creation, as well as the organization strategies and the effects produced by the event *ComunicAção Indígena*, whose genesis took place within the scope of *Formação Básica Indígena*, an Affirmative Action program of the Universidade Federal do Oeste do Pará. This is an experience report regarding the realization of its three editions, realized in the city of Santarém/PA. Such event not only provides the publicization of the academic projects of indigenous students, but it also allows reflecting the potency of the presence of these people in the university. This very significant phenomenon makes the present documentation relevant.

Keywords: Indigenous in Higher Education; Affirmative Action; Academic Events.

Introdução

Várias estratégias podem ser adotadas por uma instituição de ensino com o objetivo de proporcionar experiências significativas de ensino-aprendizagem a docentes e discentes. No contexto acadêmico, os eventos exercem significativa importância para a divulgação de trabalhos desenvolvidos no âmbito da formação universitária, por isso são ofertadas diversas oportunidades de participação, visto que quase todos os cursos de graduação realizam, pelo menos, um evento – seminários, simpósios e demais atividades de divulgação científica - por ano. Tendo em vista possibilitar essa experiência também aos estudantes indígenas, a Formação Básica Indígena (FBI) criou o evento Comunicação Indígena, que tem, entre seus propósitos, proporcionar um espaço para o compartilhamento de experiências acadêmico-científicas vivenciadas por esses estudantes e dar visibilidade à sua produção, de modo a contribuir para que eles assumam protagonismo na educação superior.

A FBI é uma medida de Ação Afirmativa da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), aprovada como projeto institucional em 24 de abril de 2017, por meio da Resolução nº 194/Consepe. Sua implementação é feita por meio de atividades de ensino e extensão, ofertadas aos indígenas provenientes do Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI). Tais atividades ocorrem nos dois primeiros semestres da graduação, com o objetivo de trabalhar a autonomia intelectual desses alunos e, também, propor novas estratégias de ensino e de combate ao racismo institucional.

A edição inaugural do Comunicação Indígena ocorreu em 2018, seguida de mais duas edições realizadas em 2019ⁱ, na cidade de Santarém/PA, sobre as quais discorreremos neste artigo, que foi escrito com base nas nossas experiências de coordenação e de organização desse evento junto aos acadêmicos indígenas, assim como nos registros que fizemos ao longo da realização das edições, tais como: cadernosⁱⁱ de programação e resumo das comunicações, fotografias, filmagens e textos orais. As informações que apresentamos aqui, assim como a reflexão sobre essa experiência, são fruto de nosso envolvimento ativo, junto aos estudantes, nesse processo.

Entendemos que esse evento congrega uma série de elementos que nos possibilita refletir sobre a potência da presença indígena no ensino superior e sobre as inovações e articulações que a produção de conhecimento junto a estudantes indígenas e suas comunidades podem efetuar no espaço universitário, o que justifica sua documentação. Para

tanto, o artigo está organizado em quatro partes além dessa introdução. Na primeira, apresentamos uma breve caracterização dos estudantes indígenas na Ufopa; na segunda, tratamos da origem do Comunicação Indígena; na terceira, discorremos sobre as estratégias da sua organização; na quarta, fazemos um relato sobre as três edições do evento, e, por último, apresentamos a conclusão.

Os estudantes indígenas na Ufopa e suas formas de representação

A Ufopa recebe indígenas para cursarem graduação por meio de duas possibilidades de ingresso: uma pela reserva de vagas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), na modalidade “Cota Indígena” e, outra, por meio do Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI). Assim, essa universidade conta hoje com 484 acadêmicos indígenas ativos (DIRETORIA DE REGISTRO ACADÊMICO, 2020)ⁱⁱⁱ, que se encontram distribuídos em cinco institutos da Ufopa sede e nos Campus fora de sede, cursando graduação em cerca de 40 cursos.

Esses indígenas, em quase sua totalidade, são originários do oeste paraense e fazem parte de diversos coletivos, a saber: (1) Apiaká, (2) Arapium, (3) Arara Vermelha, (4) Borari, (5) Jaraki, (6) Kumaruara, (7) Munduruku do Planalto Santareno, (8) Munduruku de Takuara, (9) Munduruku Cara Preta, (10) Maytapu, (11) Tupinambá, (12) Tapuia, (13) Tapajó, (14) Tupaiú, (15) Munduruku do Médio e do Alto Tapajós, (16) Sateré-Mawé e (17) Wai Wai.

Os coletivos de 1 a 14 situam-se, geograficamente, mais próximos da Ufopa, na região do Baixo Tapajós e apresentam uma população de cerca de 7 mil pessoas (SOUSA, 2019). Quanto aos 4 últimos, suas áreas de ocupação apresentam-se mais distantes da instituição: os membros do décimo quinto coletivo são originários de comunidades situadas nas regiões do Médio e do Alto Tapajós, na divisa dos estados do Amazonas, Pará e Mato Grosso, e sua população é estimada em 13.755 pessoas (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, s.d); os membros do décimo sexto coletivo (Sateré-Mawé) são originários da Terra Indígena Andirá-Marau, situada nos limites do Amazonas com o Pará, e sua população é de 17.243 pessoas (SESAI, 2019, informação oral). Por fim, os membros do décimo sétimo coletivo (Wai Wai) são originários de três Terras Indígenas, situadas na divisa dos estados do Pará, Amazonas e Roraima, a saber: T.I Nhamundá-Mapuera, cuja população é de 1.961 pessoas; T.I Trombetas-Mapuera, com população de 523 pessoas; e T.I Wai Wai, que conta com uma população de 365 pessoas (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, s.d).

Esses acadêmicos têm buscado ocupar o espaço universitário de forma ativa, com

ações e reivindicações que têm a finalidade de contribuir tanto para a melhoria da sua permanência na instituição quanto para enfrentar o racismo/preconceito, ainda muito marcado na experiência indígena na cidade, inclusive na universidade. Essa forma de atuação, de acordo com Lucivaldo Karo Munduruku^{iv}, é feita por meio do Diretório Acadêmico Indígena (DAIN^v), criado em abril de 2013, cuja representação, desde a sua fundação, é definida em assembleia, na qual os estudantes escolhem seus representantes por meio do voto.

A gestão eleita deve representar o corpo discente indígena e defender seus interesses^{vi} junto à Gestão Superior, aos Institutos, ao DCE e às demais instituições colegiadas da Ufopa, prezando pela unidade do segmento e buscando solucionar problemas que impactam negativamente a vida dos graduandos indígenas. Um exemplo dessa atuação foi a articulação para eleger, pela segunda vez consecutiva, duas acadêmicas (como titulares) para compor o Conselho Universitário da Ufopa, com cadeira no Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), uma conquista relevante para povos minoritários em relação à majoritária comunidade acadêmica, não indígena. Para a gestão do triênio 2017-2019, elegeram a discente do povo Tapuia Crislaine Castro de Sousa; e para 2020-2023, elegeram a acadêmica do povo Borari Solange Maria de Almeida da Silva. Esse resultado mostra o potencial organizativo dos indígenas nessa universidade.

O Comunicação como estratégia para a expressão do duplo-pertencimento indígena: o acadêmico e o étnico-comunitário

Como sugere Amaral (2010), ecoado por Paladino (2012), a permanência dos indígenas na universidade depende da efetivação de um “duplo pertencimento”: o “acadêmico e étnico-comunitário”. Isso implica dizer que há necessidade de se planejar e implementar ações e programas que favoreçam essa permanência pelas Instituições de Educação Superior (IES), que devem acompanhar pedagógica e socialmente tais discentes.

Paladino explica (de acordo com dados de suas pesquisas sobre os indígenas nas IES) que as ações que proporcionaram maior estímulo à sua permanência e que foram as mais bem-sucedidas em seus objetivos, compõem-se de uma série de atividades, como:

tutorias, acompanhamento social e pedagógico, **projetos de pesquisa e extensão que envolvem estudantes indígenas como estagiários ou pesquisadores**, realização de cursos e **eventos que têm como objetivo visibilizar a presença indígena na universidade e valorizar os conhecimentos indígenas**, entre outros (PALADINO, 2012, p. 189, grifo nosso).

Para nós, a valorização dos acadêmicos indígenas e o incentivo à sua autonomia

intelectual e política deve ser central nas ações institucionais para a sua permanência no ensino superior. Ações que proporcionem seu engajamento em projetos de pesquisa e extensão e a criação de espaços que os possibilitem expressar seus saberes, suas reflexões e experiências são estratégias concretas de valorização. Assim, considerando ainda a forte invisibilidade indígena na academia, assim como o estigma da incapacidade que o persegue, a Formação Básica Indígena/Ufopa criou o ComunicAção Indígena, evento que nasce com diversos propósitos, dentre os quais destacamos: proporcionar a manifestação do duplo-pertencimento étnico; estimular a germinação de novas formas de produção de conhecimento; reconhecer o protagonismo e o potencial acadêmico dos indígenas, visibilizar a presença indígena na universidade.

A denominação do evento foi motivada pelo valor polissêmico que os termos permitem depreender: (a) *ComunicAção Indígena* no sentido de explicitar que os indígenas têm muito a comunicar à academia e à sociedade nacional; (b) *ComunicAção Indígena* no sentido de compartilhar experiências referentes às “ações” realizadas nas aldeias e protagonizadas por indígenas (daí grafar “Ação” com a inicial maiúscula na escrita do primeiro termo); (c) *ComunicAção Indígena* para fazer referência ao gênero “comunicação oral” em eventos acadêmicos (de autoria indígena).

A proposta desse evento foi apresentada por nós, no segundo semestre de 2017, durante uma das reuniões do corpo docente fixo da FBI. Concretamente, nossa ideia foi de o ComunicAção Indígena funcionar como a culminância do trabalho desempenhado no ano letivo desse projeto institucional e valorizar um conjunto de ações desenvolvidas por estudantes indígenas, no contexto dos “projetos de ação nas aldeias”, ou seja, dos projetos de autoria indígena que orientamos ao longo do ano, por meio dos quais são planejadas várias atividades (oficinas, palestras, cine debates, construção de hortas, outras) sobre diversos temas (educação, saúde, meio ambiente, justiça, outros), cujas ações são implementadas nas aldeias. A elaboração desses projetos ocorre no âmbito das atividades das disciplinas *Introdução à Metodologia científica* e *Elaboração de projetos* (ofertadas na FBI), atreladas aos nossos projetos de extensão universitária. Já a sua implementação ocorre no período de recesso acadêmico, momento em que os estudantes viajam para suas aldeias.

Essa atividade merece ser valorizada, pois a mesma envolve uma gama de propósitos que se entrelaçam, inclusive reiterando a concepção da FBI como um trabalho que focaliza a emancipação intelectual e política dos indígenas, em vez da ideia de nivelamento recorrente

Vivências do compartilhar: um registro da experiência do evento Comunicação Indígena

nessa universidade. Nela, destaca-se uma relação muito particular entre ensino e extensão, em que essa última traspasa a primeira e proporciona maior relação entre a universidade e as comunidades indígenas, permite a mobilização de diversos atores e saberes e, por não se limitar ao espaço universitário, enche-se de realidade. Com isso, o processo de ensino-aprendizagem é feito tendo em vista a autonomia acadêmica indígena, a partir do levantamento de problemas, de reflexões e de uma leitura crítica da realidade. Além disso, tal atividade é uma estratégia para atingir os objetivos estabelecidos no projeto da Formação Básica Indígena, a saber:

Desenvolver metodologias de ensino, extensão e produção de conhecimento que valorizem e reconheçam as cosmologias e o modo de vida dos povos indígenas; Fortalecer os processos identitários e organizativos dos povos indígenas; Promover o intercâmbio perene entre a Ufopa e as comunidades indígenas; Oferecer atividades de formação sobre os princípios da interculturalidade e a realidade dos povos indígenas. (UFOPA, 2017, p. 5)

Observamos que tanto as atividades dos projetos de ação nas aldeias quanto o evento *Comunicação Indígena* contemplam os objetivos acima apresentados e, principalmente, proporcionam, aos acadêmicos, a vivência de um ciclo completo de ensino-aprendizagem, que vai desde o levantamento de problemas e reflexões, elaboração do projeto, implementação das atividades, documentação das atividades até o compartilhamento da experiência no evento. Para nós que estivemos à frente dessas atividades nos três anos de implementação da FBI (2017 a 2019), os projetos de ação nas aldeias, considerando essas etapas como oportunidades para a aprendizagem, constituem uma experiência bastante promissora para a descoberta de novas formas de produção de conhecimento e para pensar a adequação das universidades às necessidades locais.

O *Comunicação Indígena* foi uma estratégia acertada, pois o mesmo vem contribuindo de forma significativa para a autonomia intelectual e para a autoconfiança dos estudantes indígenas; da mesma forma vem se firmando não apenas como um espaço de vivências e de compartilhamento de experiências, mas, também, de autoafirmação étnica e de resistência indígena na universidade.

A organização do *Comunicação Indígena* como estratégia de ensino-aprendizagem

O *Comunicação Indígena* é um evento acadêmico local e ocorre no final de cada ano letivo da Ufopa, na cidade de Santarém/PA. Como a própria denominação indica, é um evento indígena, portanto, é organizado e protagonizado por acadêmicos membros de diversas

etnias do oeste paraense que estudam nessa universidade, com a coordenação do corpo docente da FBI.

Considerando que a presença de acadêmicos indígenas nas IES é bastante recente, uma vez que é mais significativa a partir de 2012, esse evento, assim como as outras atividades realizadas na FBI, foi planejado a partir do diálogo com esses estudantes. Desse modo, para organizar o *ComunicAção Indígena*, a equipe organizadora – docentes e discentes - realiza reuniões: uma reunião geral e reuniões por equipe de trabalho (a depender da necessidade). Na reunião geral, que é a primeira, estabelecem-se os objetivos, o tema e formam-se os grupos de trabalho (GTs): arte e divulgação do evento, programação, decoração, camisas, secretaria, audiovisual etc. Também se discutem as atividades a serem desempenhadas por cada GT antes, durante e depois do evento. A constituição dos grupos é feita a partir dos critérios: maior habilidade nas tarefas previstas para o grupo e desejo do acadêmico. Nessa oportunidade, os acadêmicos manifestam o grupo de interesse e seu nome é inserido no respectivo grupo. A sistematização das decisões é feita por meio de *slides*, que vão sendo preenchidos ao longo da reunião e, no final, são enviados a todos os membros da equipe organizadora para ficarem cientes de tudo o que foi acertado. Terminada essa fase, os membros dos GTs conversam entre si sobre suas tarefas e discutem as estratégias para a sua realização, sempre em diálogo com a coordenação geral do evento. Dessa forma, os indígenas têm a liberdade de manifestar suas habilidades, exercitar sua criatividade, aprender coisas novas, exibir seus dons artísticos e outros.

Nas edições do *ComunicAção Indígena*, a organização ficou quase 100% por conta dos acadêmicos indígenas, que, segundo dados dos cadernos de Programação e resumos, foram: 15 estudantes na primeira edição; 36 estudantes na segunda e 34 na terceira edição.

Consideramos o engajamento dos indígenas nesse processo de organização significativo para o seu amadurecimento acadêmico, pois proporciona oportunidades de superação de desafios de forma conjunta e permite a aproximação entre membros de diferentes etnias, por exemplo, no momento da preparação da programação, da confecção dos materiais para decoração e da distribuição e colagem dos cartazes.

Consideramos, também, de grande importância, o fato de os estudantes sentirem que o evento é seu e que eles têm poder de decisão sobre a sua forma de organização, considerando, ao mesmo tempo, a *unidade* enquanto acadêmicos indígenas e a *diversidade cultural* que os caracteriza. Com isso, estimula-se o respeito acerca dos princípios e saberes de

Vivências do compartilhar: um registro da experiência do evento Comunicação Indígena

cada povo. Para ilustrar esse respeito, citamos uma situação ocorrida na terceira edição do evento, em novembro de 2019: é costume iniciar o evento com um ritual de abertura. Tendo em vista que, nas duas primeiras edições do *Comunicação Indígena*, a abertura foi feita com ritual dos povos do Baixo Tapajós, a equipe da programação pensou que, para a terceira edição, o ritual poderia ser realizado pelos acadêmicos do Alto Tapajós e, dessa forma, fizeram o convite aos colegas dessa região. Porém, esses refletiram e concluíram que os seus rituais, de acordo com sua cosmologia, não podem ser realizados nesse contexto e, por isso, disseram que teriam que recusar o convite, explicando suas razões, mas se disponibilizando a apresentar uma música e uma dança, e assim fizeram. Esse fato foi muito importante para os membros desse GT, pois perceberam o real significado de “diversidade étnica e especificidade cultural”.

O *Comunicação Indígena* como espaço para o compartilhamento de vivências e saberes

O *Comunicação Indígena*, dentre os propósitos já expostos, busca proporcionar, aos discentes indígenas, um espaço para o compartilhamento das experiências vivenciadas por meio dos projetos acadêmicos, desenvolvidos na Formação Básica Indígena. Até o momento, foram realizadas três edições do evento como culminância do trabalho desempenhado nesse programa de ação afirmativa. A primeira edição buscou fechar o ciclo das atividades realizadas pela turma que denominamos FBI/2017, que contou com a participação de 58 estudantes. A segunda edição finalizou os trabalhos da turma FBI/2018, com 61 estudantes. A terceira edição encerrou as atividades da FBI/2019, que também contou com 61 estudantes. Esses acadêmicos foram os protagonistas tanto da organização quanto das comunicações apresentadas no evento.

O primeiro Comunicação Indígena

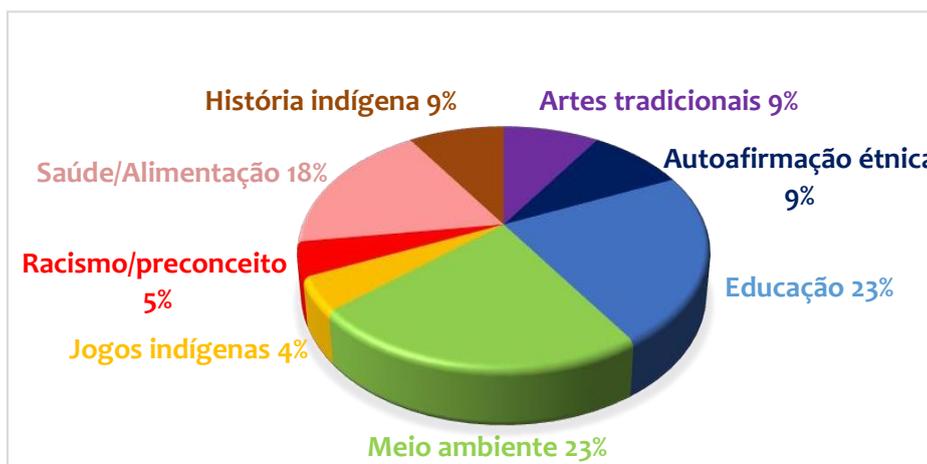
A primeira edição desse evento ocorreu em 15 e 16 de março de 2018, no auditório Wilson Fonseca, Campus Rondon da Universidade Federal do Oeste do Pará (Santarém/PA), com a participação de 180 pessoas.

O tema escolhido para essa edição foi “Universidade-Comunidade-Universidade”. A motivação para tal escolha foi a dupla reivindicação das lideranças indígenas que anseiam por maior presença da universidade nas comunidades indígenas e solicitam que a universidade incentive os discentes indígenas a focalizarem como temas/ações dos trabalhos acadêmicos suas próprias comunidades, tendo em vista a produção de novos conhecimentos e de novas

alternativas para a resolução dos problemas enfrentados por eles. Além disso, porque o ciclo Universidade-Comunidade-Universidade é um objetivo a ser perseguido constantemente pelas IESs.

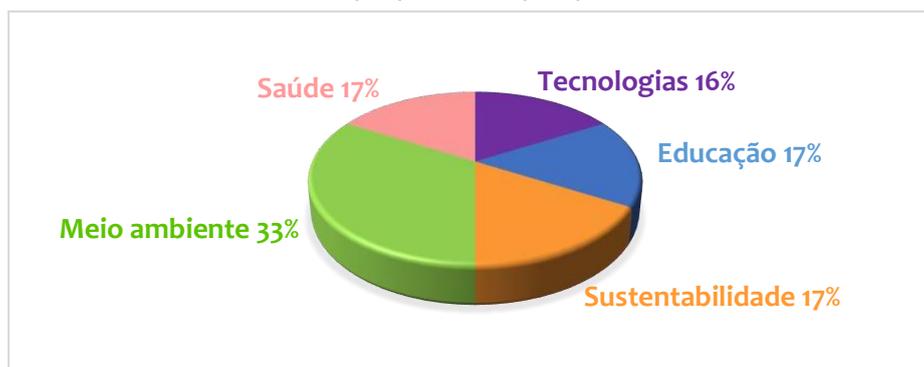
A FBI vem procurando atender essas demandas por meio das atividades dos “projetos de ação nas aldeias”. No primeiro Comunicação Indígena, foram realizadas 34 comunicações referentes à experiência de 22 projetos de ação implementados nas aldeias e à 12 propostas de pesquisa a serem realizadas, cujos temas são apresentados nos gráficos 1 e 2.

Gráfico 1: Temas dos projetos de ação implementados nas aldeias



Fonte: elaboração própria, com base em Carneiro (2017).

Gráfico 2: Temas das propostas de pesquisa a serem realizadas



Fonte: elaboração própria, com base em Carneiro (2017).

Como pode ser observado, os temas de maior interesse dos indígenas da turma FBI/2017, no que tange aos projetos de ação, dizem respeito à saúde (18%), à educação (23%) e ao meio ambiente (23%). Já dentre as propostas de pesquisa, há mais interesse em realizar estudos voltados para o Meio Ambiente (33%). Em ambos os casos, os indígenas são motivados por situações problemas que enfrentam em seus territórios, razão pela qual

Vivências do compartilhar: um registro da experiência do evento Comunicação Indígena

buscam alternativas para resolvê-las ou remediá-las.

As comunicações foram realizadas em blocos, em um tempo aproximado de duas horas. Considerando a grande quantidade de trabalhos para dois dias de evento, aos expositores (individual ou em grupo), couberam cerca de 10/12 minutos para apresentarem seus projetos. Assim, com auxílio de *slides*, os estudantes apresentaram dados contextuais, objetivos, metodologia, resultados e, também, suas manifestações políticas, reflexões e reivindicações (cf. as fotos 1 a 3).

Fotos 1, 2 e 3: Apresentação de trabalhos no I Comunicação Indígena



Fonte: acervo audiovisual da 1ª edição do evento, março de 2018.

Ao final dos blocos de apresentação, ocorreu o momento da interação dos apresentadores com o público participante do evento (cf. fotos 4 e 5), que, segundo dados de inscrição, tratava-se, em sua maioria, de acadêmicos das universidades públicas e privadas da cidade de Santarém/PA.

Fotos 4 e 5: Interação entre os participantes no I Comunicação Indígena



Fonte: acervo audiovisual da 1ª edição do evento, março de 2018.

As reflexões e impressões acerca da primeira edição do Comunicação Indígena foram muito positivas. De acordo com as manifestações, o público pôde esclarecer diversas dúvidas sobre os povos indígenas e sobre suas comunidades, assim como conhecer as ações desenvolvidas na FBI. A impressão dos indígenas protagonistas do evento foi, também, de satisfação, conforme ilustram os trechos de fala^{vii}, apresentados no final do evento.

Foi uma experiência única. Pude mostrar um pouco da minha aldeia... Também tive a oportunidade de saber, antes de ingressar no meu curso, como apresentar um trabalho em público. Foi ótimo! (JOCIANE DE V. PEREIRA JARAKI, 2018).

O ComunicAção Indígena superou minhas expectativas. Apesar do pouco tempo para organizar, conseguimos realizar bem... Teve uma importância relevante para nossa vida acadêmica. Foi tudo maravilhoso! (MÁRCIO GEAN CARDOSO BATISTA MUNDURUKU, 2018).

Foi muito boa a experiência de falar em público e conhecer a realidade de cada aldeia. Esse evento foi importante para falar um pouco da nossa aldeia e mostrar ao público que nós existimos e estamos na luta sempre. (MILTON ANSELMO A. CASTRO ARAPIUN, 2018).

Foi recorrente, nas manifestações desses estudantes, a importância do evento para fazer conhecer a realidade contemporânea dos povos indígenas e, assim, desconstruir ideias equivocadas sobre eles, pois grande parte da resistência às ações afirmativas deve-se “à ignorância e à desinformação, resultado do silêncio que a academia branca impôs a si mesma e à sociedade, durante mais de um século, sobre a sua realidade interna de exclusão racial” (CARVALHO, 2004, p. 2). Também consideraram o evento relevante para o seu amadurecimento acadêmico, já que passaram por todas as etapas de um processo de produção de conhecimento na academia, inclusive pela etapa da divulgação de trabalho, com a apresentação em público.

O segundo ComunicAção Indígena

A segunda edição desse evento ocorreu nos dias 13 e 14 de fevereiro de 2019, no auditório Wilson Fonseca, Campus Rondon da Universidade Federal do Oeste do Pará (Santarém/PA), com a participação de 189 pessoas.

O tema escolhido para essa edição foi “Protagonismo Indígena no Ensino Superior”. A motivação para essa escolha advém de um movimento de transformação pelo qual passam as universidades, em função da presença mais expressiva de segmentos populacionais historicamente excluídos, como indígenas e afrodescendentes, que não apenas estão alterando o perfil discente dessas instituições, como também estão produzindo novos conhecimentos, questionando epistemologias e problematizando o papel científico e social dessas instituições.

As comunicações inscritas no segundo ComunicAção Indígena corresponderam a relatos das experiências vivenciadas pelos discentes da FBI/2018, no âmbito das atividades dos projetos de ação nas aldeias. O evento contou com a apresentação de 24 comunicações, que ocorreram com a mesma dinâmica organizacional da primeira edição, e foram

Vivências do compartilhar: um registro da experiência do evento Comunicação Indígena desenvolvidas a partir de seis temáticas, conforme apresentamos no gráfico 3.

Gráfico 3: Temas dos trabalhos apresentados no II Comunicação Indígena



Fonte: elaboração própria, com base em Carneiro e Costa (2019).

Os projetos voltados para educação, saúde e meio ambiente são os de maior interesse dos acadêmicos e das lideranças da turma FBI/2018, seguidos de trabalhos de artes tradicionais, direitos, cultura e território. As fotos abaixo ilustram momentos das apresentações.

Fotos 6 a 9: Apresentação de trabalhos no II Comunicação Indígena



Fonte: acervo audiovisual da 2ª edição do evento, fevereiro de 2019.

No segundo Comunicação Indígena, diferentemente da primeira edição, contamos com a participação de várias lideranças indígenas - caciques e membros de associações – conforme

ilustram as fotos a seguir.

Fotos 10 a 14: Lideranças Indígenas no II Comunicação Indígena



Fonte: acervo audiovisual da 2ª edição do evento, fevereiro de 2019.

Essas lideranças puderam conhecer os resultados dos trabalhos protagonizados pelos estudantes indígenas e nos confirmar que o caminho para a produção de conhecimentos na FBI é, de fato, aquele que nasce do diálogo e da participação ativa desses sujeitos, procurando responder aos seus anseios e demandas, conforme podemos observar nos trechos de fala a seguir:

Parabenizo a Elivany e os acadêmicos pelos projetos. Estou eu também de parabéns por estar participando desses projetos tão lindos... É isso que nossas aldeias precisam, que aqueles primeiros alunos que já se formaram não fizeram... Mas, hoje, a gente tá vendo um fruto, um fruto sendo implantado em todas as aldeias, em todas as escolas. E de parabéns também estão as aldeias... Que a gente não tinha esse conhecimento... E para mim como cacique é muito importante! Não só para mim, mas para todos os caciques das aldeias que se acham presentes aqui. Vão sair daqui com essa força, com essa coragem. (THIAGO D. DA SILVA, 2019, cacique da aldeia Pinhél).

[Os projetos são] um incentivo a mais para os docentes da nossa escola. [Também] incentiva mais os alunos. Isso é gratificante. Por todas as lutas que nós já tivemos, por todos os preconceitos que nós já passamos para hoje eles estarem aqui, levando retorno, se qualificando para poder voltar para nossa aldeia [e] ocupar o lugar deles com dignidade, de cabeça erguida e levar cada vez mais conhecimento (...) (MARIA GRACINETE LOPES, 2019, tuxaua da aldeia Nova Vista).

A avaliação do evento novamente foi muito positiva. Proporcionou um espaço de aproximação entre indígenas e não indígenas, colaborando para a desconstrução de velhas ideias. Para os indígenas protagonistas das atividades, o evento teve grande relevância, conforme pode se observar nas duas falas a seguir.

O Comunicação Indígena pra mim foi muito importante. Através dele apresentamos os projetos voltados para nossas aldeias e mostramos a nossa realidade, como: os costumes, a cultura e a tradição de cada povo. A Formação

Vivências do compartilhar: um registro da experiência do evento Comunicação Indígena

Básica Indígena nos dá essa oportunidade, isso vem através das professoras, nos momentos de orientação e na elaboração dos projetos, o que contribui muito na nossa formação acadêmica (ELIVANY P. DOS SANTOS MAYTAPU, 2019).

O II Comunicação Indígena foi uma experiência única. Ele nos encorajou, ficamos mais seguros e preparados para os nossos cursos. Gostei muito do empenho dos discentes indígenas que organizaram. Sugiro que a Ufopa tenha uma verba destinada para esse evento e para que tenhamos condições de desenvolver os projetos nas aldeias (DOUGLAS C. DE A. MUNDURUKU, 2019).

Conforme se pode observar, os estudantes explicitam que o evento é muito importante para sua formação acadêmica, mas entendem que investimentos são necessários para sua realização, um desafio que enfrentamos desde o início da implementação do projeto FBI, ou seja, além da não destinação de recursos, constatamos que as ações e os programas de ação afirmativa ainda são preteridos pela instituição.

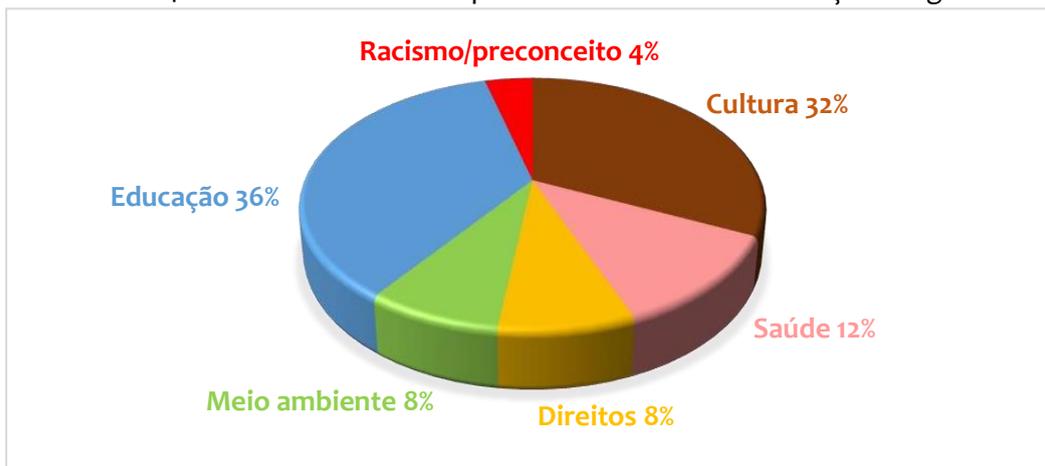
O terceiro Comunicação Indígena

A terceira edição desse evento deu-se nos dias 13 e 14 de novembro de 2019, no auditório Wilson Fonseca, Campus Rondon da Universidade Federal do Oeste do Pará (Santarém/PA), com a participação de 180 pessoas.

A temática escolhida foi “Tecendo saberes na relação universidade e comunidade”, pois entendemos, assim como Carvalho (2004, p. 4), que as IES devem promover um engajamento de mão dupla com as comunidades tradicionais para se proporem “novos saberes, até agora tidos como não-acadêmicos e torná-los legítimos”. É esse tipo de relação que estamos perseguindo desde a implementação da FBI, empenhando-nos para tecer, juntamente com os estudantes indígenas, novas formas de produção de conhecimentos, por meio dos projetos de ação nas aldeias, cujos resultados são compartilhados nas edições do Comunicação Indígena.

Na terceira edição, foram inscritas 25 comunicações, que foram apresentadas segundo o mesmo modelo organizacional das edições anteriores. Nessas comunicações, os discentes da turma FBI/2019 puderam expressar suas vivências e aprendizados. Tais trabalhos foram integrados em seis temáticas, conforme mostramos no gráfico 4.

Gráfico 4: Temas dos trabalhos apresentados no III Comunicação Indígena



Fonte: elaboração própria, com base em Carneiro; Colares; Santos (2019).

Dentre os temas, destacam-se trabalhos voltados para aspectos educacionais (36%) e culturais (32%), seguidos de trabalhos no campo da saúde, direitos e meio ambiente. As ações objeto das experiências correspondem a oficinas (sobre mitologia indígena, leitura e escrita, artes tradicionais), palestras (sobre direitos, educação), rodas de conversa (sobre assuntos diversos) e cine debates (sobre conflitos socioambientais, território, direitos). As fotos a seguir ilustram alguns momentos das comunicações.

Fotos 15 a 18: Apresentação de trabalhos no III Comunicação Indígena



Fonte: acervo audiovisual da 3ª edição do evento, novembro de 2019.

Além das comunicações, resultado dos projetos de ação nas aldeias, nessa edição do evento, decidimos, em parceria com a Comissão Setorial de Ações Afirmativas do Instituto de Ciências da Educação, estender essa comunicação indígena a outros públicos. Como forma de contribuir para a reflexão e o debate acerca da educação indígena no ensino básico e superior, com apoio financeiro do Instituto de Ciências de Educação (Iced/Ufopa), contamos com a participação do antropólogo da etnia Baniwa Gersem Luciano.

Vivências do compartilhar: um registro da experiência do evento Comunicação Indígena

Durante o evento, o professor Gersem ministrou a conferência intitulada “Indígenas no Ensino Superior: por que os indígenas querem estar na universidade e por que a universidade precisa dos povos indígenas?” e, também, a palestra “O que você precisa saber sobre o indígena hoje: reflexões para a prática docente”, dedicada aos profissionais de educação de Santarém. Segundo os participantes, as informações e as reflexões trazidas por esse pensador foi um ponto alto do evento, por isso desejam que outros pensadores indígenas possam trazer suas contribuições nas próximas edições do Comunicação Indígena.

Os acadêmicos indígenas que cursaram a FBI e vivenciaram uma série de experiências tanto na universidade quanto nas comunidades, da mesma forma que os participantes das edições anteriores, manifestaram, em suas falas, muita satisfação com o evento, conforme se pode atestar nas citações (falas realizadas durante o evento).

O Comunicação Indígena é importantíssimo para nós indígenas, pois permite-nos mostrar para a comunidade acadêmica da Ufopa e para nossas lideranças, na base, o que nós estamos produzindo na universidade, além de estudar. Estamos realizando projetos de pesquisa e extensão voltado para nossas aldeias, procurando responder às necessidades e isso precisa ser divulgado. Daí a importância dessa relação entre universidade e comunidade que esse evento proporciona (CRISLAINE C. DE SOUZA TAPUIA, 2019).

Participar do terceiro Comunicação Indígena foi muito importante para fortalecer a minha cultura. [E] perceber o quanto é importante a gente ficar indo na aldeia, voltando na aldeia para aplicar o nosso projeto. Os indígenas que apresentaram no evento passaram por uma formação de informática, de metodologia científica, de [elaboração de] projeto. O mais interessante que eu achei foi que eles conseguiram escrever os projetos e aplicar dentro da aldeia e, a partir disso, trazerem para si a cultura... Isso é muito importante! Vai fortalecer a confiança que as lideranças têm neles, [também] vai fortalecer muito eles na vida acadêmica (EDNEI N. MATOS COSTA ARAPIUM, 2019).

A experiência dentro do Comunicação, dentro desse espaço que a universidade nos dá, de apresentar o nosso projeto é muito importante. É muito gratificante! Nós nos sentimos como se tivéssemos de alma lavada e capazes de enfrentar qualquer obstáculo que a universidade possa nos colocar (VILMAR N. C. MONTEIRO ARAPIUM, 2019).

As falas acima ilustram a importância dos projetos de ação nas aldeias como estratégia de ensino-aprendizagem que *proporciona tanto o fortalecimento étnico quanto a autonomia acadêmica*. Os estudantes indígenas consideram importante que suas lideranças sejam conhecedoras do que vivenciam e realizam na universidade, algo que o Comunicação Indígena permite ao proporcionar um espaço particular a eles. Assim, tal evento tem sido de importância e frequência crescente não apenas entre os indígenas que estão na academia,

mas também por suas comunidades. Ademais, como nas edições anteriores, fica explícita a necessidade de os estudantes indígenas informarem a comunidade universitária e a sociedade sobre seu modo de vida e desafios contemporâneos, assim como sobre o seu potencial acadêmico. Isso, certamente, não ocorre ao acaso, considerando que há quem pense que os indígenas são inábeis para cursos de exatas e outras áreas alegadas como “complexas”. Contestando uma colocação dessa natureza durante uma palestra na Ufopa, em 2018, Ângela Amanakwa Kaxuyana disse: “o fato de sermos indígenas não nos torna menos ou mais inteligentes e capazes. Se há problemas de aprendizagem na universidade grande parte disso se deve ao ensino básico adequado que não tivemos. Que fique claro! Não é por sermos indígenas!”.

Landa (2009 apud PALADINO, 2012) explica, quanto a essa questão de insucesso acadêmico por indígenas e não indígenas na universidade, o seguinte: ao se referir às dificuldades de aprendizado dos estudantes não indígenas, toma-se como causa as lacunas do ensino básico, mas quando se refere aos indígenas, vincula-se à incapacidade. Porém, os efeitos dessa ideia são catastróficos, pois diversos indígenas absorvem de tal maneira o discurso de incapacidade que, antes mesmo de tentarem entender algum conteúdo, já estabelecem que não adianta porque não irão aprender. Sentem-se bloqueados. Portanto, há necessidade de estimular a autoconfiança dos indígenas e desconstruir esse estereótipo da incapacidade.

Considerações finais

Após as primeiras experiências, no início dos anos 2000, de ações afirmativas em universidades públicas brasileiras para o ingresso de indígenas em cursos regulares de graduação, fruto de decisões institucionais ou de leis estaduais, a presença indígena no ensino superior encontra-se em expansão numérica, especialmente a partir de 2012, com a chamada Lei de Cotas.

Desde as primeiras reflexões e debates acadêmicos sobre a questão indígena no ensino superior, muito se enfatizou a necessidade de aliar políticas para o acesso à criação de programas para possibilitar a permanência (LIMA ; BARROSO, 2013; BANIWA, 2019), o que inclui dimensões variadas como: auxílio financeiro, acompanhamento pedagógico, garantia de participação em projetos de pesquisa e extensão, ações de enfrentamento ao racismo e à discriminação, e o reconhecimento dos povos indígenas como sujeitos de direitos coletivos diferenciados, inclusive na esfera da educação formal. A questão que se coloca premente

quando pensamos a questão indígena no ensino superior não é aquela da inclusão e adaptação, no velho sentido da assimilação, mas a da transformação do espaço universitário com vistas a uma produção de conhecimentos mais plural, que reconheça e dialogue com epistemologias e saberes outros, que não apenas aqueles das tradições ocidentais hegemônicas.

O Comunicação Indígena^{viii}, objeto deste artigo, visa contribuir para essa transformação. O evento, um reflexo do que desenvolvemos como proposta político-pedagógica na FBI, está inserido no bojo da questão da permanência, na busca por minimizar alguns dos problemas que têm se colocado como entrave na formação universitária dos estudantes indígenas e colaborar para a produção da sua autonomia intelectual. Essa autonomia é constituída na relação de duplo-pertencimento a qual nos referimos anteriormente. Os projetos de ação nas comunidades começam a ser elaborados na universidade, no primeiro semestre letivo da FBI, quando os alunos utilizam ferramentas de pesquisa acadêmica para pensar problemas concretos de suas comunidades; são implementados nas aldeias, envolvendo diferentes gerações e conhecedores; e são finalizados com a comunicação dessa experiência, apontando para relações, problemas que podem produzir investigações e intervenções futuras e, também, para a riqueza de saberes e modos de conhecer presentes nos diversos territórios indígenas na região. Efetiva-se um diálogo, a partir dos estudantes indígenas, entre as comunidades e a universidade e, no Comunicação Indígena, se produz um espaço para o exercício do protagonismo e da autoria indígena na construção de novos caminhos e objetos de conhecimento. Não menos importante, eventos como esse operam como um meio de desconstruir certo imaginário colonialista a respeito dos povos indígenas, atualizando discussões sobre os estereótipos e as estruturas de poder que continuam a atuar nas relações com esses coletivos, inclusive no espaço universitário (URQUIZA E NASCIMENTO, 2013, p.40).

Referências

AMARAL, W. R. do. **As trajetórias dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos**. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Paraná, Curitiba, 2010, 594 p.

BANIWA, G. Povos indígenas, ações afirmativas, ensino superior e a lei das cotas. In: BANIWA, G. **Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos**. 1. ed., Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019, p.168-196.

CARNEIRO, D. de S. (Org). **Caderno de programação e resumos do primeiro ComunicAção Indígena**. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br>. Acesso em: 09/10/2020.

CARNEIRO, D. de S.; COSTA, R. N. V. DA; (Org). **Caderno de programação e resumos do segundo ComunicAção Indígena**. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br>. Acesso em: 09/10/2020.

CARNEIRO, D. de S; COLARES, P. M. de; SANTOS, Z. H. (Orgs). **Caderno de programação e resumos do terceiro ComunicAção Indígena**. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br>. Acesso em: 09/10/2020.

CARVALHO, J. J. As ações afirmativas como resposta ao racismo acadêmico e seu impacto nas ciências sociais brasileiras. **Série Antropologia**, Brasília: UnB, Departamento de Antropologia, N.358, p. 01-26, 2004.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Terra Indígena WaiWái**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br>. Acesso em: 17/07/2020.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Terra Indígena Trombetas/Mapuera**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br>. Acesso em: 17/07/2020.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos Indígenas no Brasil: Munduruku**. Disponível em: <https://www.indios.org.br/pt/Povo:Munduruku#Nome_e_.C3.ADngua>. Acesso em: 17/06/2020.

LIMA, A. C. de S.; BARROSO, M. M. A presença indígena na construção de uma educação superior universal, diferenciada e de qualidade. In: **Povos indígenas e universidade no Brasil: contextos e perspectivas, 2004-2008**. 1. ed., Rio de Janeiro: E-papers, Laced, 2013, p. 45-78.

PALADINO, M. Algumas notas para a discussão sobre a situação de acesso e permanência dos povos indígenas na educação superior. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, 2012, v. 7, Número Especial. p. 175-195.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL. **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 16/07/2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL. **Lei nº 12.288**, de 20 de julho de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 16/07/2020.

SOUSA, C. C. de. **Esboço sociolinguístico dos indígenas do Baixo Tapajós, oriundos do PSEI/UFOPA**. Relatório de Iniciação Científica. Proppit/Ufopa, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ. **Resolução nº 194 de 24 de abril de 2017**. Disponível em: <http://www2.ufopa.edu.br>. Acesso em: 01/08/2020.

URQUIZA, A.; NASCIMENTO, A. Rede de Saberes. **Políticas de Ação Afirmativa no Ensino Superior para Indígenas no Mato Grosso do Sul**. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2013, 86p.

Notas

ⁱ O Comunicação Indígena é realizado como culminância do trabalho desenvolvido ao longo de dois semestres na FBI, que até o momento ofertou três turmas: FBI/2017, FBI/2018 e FBI/2019. As duas primeiras turmas foram afetadas por irregularidades no calendário acadêmico da instituição, por conta disso as edições do evento foram realizadas no início do ano seguinte. O I Comunicação Indígena, realizado em março de 2018, finalizou as atividades da turma FBI/2017. O II Comunicação Indígena, realizado em fevereiro de 2019, concluiu as atividades da turma FBI/2018 e o III Comunicação Indígena, realizado em novembro de 2019, encerrou as atividades da turma FBI/2019.

ⁱⁱ Cadernos organizados por nós em parceria com Costa (2018) e Santos (2019).

ⁱⁱⁱ Informação obtida por meio de endereço eletrônico.

^{iv} As informações sobre o DAIN foram obtidas em conversa informal, em outubro de 2020.

^v Além do DAIN, que representa todos os acadêmicos indígenas, há também, na Ufopa, o “Centro Acadêmico Indígena da Calha Norte (CAICAN), que representa os povos Karib (Wai Wai e outros). Embora os indígenas dessa região façam parte do DAIN, decidiram, por razões práticas e culturais, criar seu próprio centro acadêmico.

^{vi} São alguns dos interesses dos povos indígenas, segundo o DAIN: equidade de direitos na universidade; respeito e valorização dos costumes, línguas e tradições indígenas; “transformação” das IEs de acordo com a realidade das populações tradicionais locais.

^{vii} Os trechos de fala apresentados neste artigo foram transcritos por nós, a partir de registro de áudio também realizado por nós, durante os eventos.

^{viii} Nas duas primeiras edições desse evento foi apresentado, além dos resultados dos projetos de ação nas aldeias, os produtos do curso de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, ofertado aos indígenas da FBI, sob a coordenação dos docentes Claudir Oliveira e Eliane Flexa, a saber: registros fotográficos e vídeos referentes às aldeias dos acadêmicos.

Sobre as autoras

Denize de Souza Carneiro

Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia; graduada em Letras/Português pela Universidade Federal do Amazonas. Professora na Universidade Federal do Oeste do Pará, Programa de Letras, com dedicação à Formação Básica Indígena.

E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0980-8359>.

Paula de Mattos Colares

Doutora e mestra em Antropologia Social pelo PPGAS/ Museu Nacional – UFRJ; graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora na Universidade Federal do Oeste do Pará, Programa de Educação, curso de Pedagogia, com dedicação à Formação Básica Indígena.

E-mail: paula.colares@ufopa.edu.br.; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9276-4053>.

Recebido em: 26/11/2020

Aceito para publicação em: 17/12/2020